

CARRETEL

FUNDAÇÃO IBERÊ



#9

AGOSTO
SETEMBRO
OUTUBRO
2022

#03 Iberê nas Escolas
Repórter por um dia

#12 Rodrigo Andrade
Pintura e Matéria

#14 Iberê por Rodrigo
Assombrações

#22 Maria Coussirat Camargo
Sombra e luz

+
+ FestFoto 2022
+ 13ª Bienal do Mercosul
+ Música no Iberê
+ 7 Mestres do Cartaz Japonês

Buscar a excelência sempre foi o norte de todos os nossos projetos.

Depois de termos sobrevivido aos intensos e longos momentos de uma pandemia que quase nos paralisou, hoje estamos em plena retomada de nosso programa educativo, de forma presencial.

Um dos melhores exemplos tem sido nossa parceria na zona rural de Eldorado do Sul (RS), onde implantamos o **IBERÊ NAS ESCOLAS**.

Nesta atividade, a 17 Km de Porto Alegre, a equipe do educativo da Fundação tem reportado, a cada ação desenvolvida, a redescoberta de que este é o caminho.

Não poderíamos ter melhor exemplo do que a jovem **Rafaella Batista dos Santos** que, depois de participar dos workshops e ter visitado a exposição *Antes que se apague: territórios flutuantes* e ter tido um contato direto com o artista Xadalu Tupã Jekupé, foi a vencedora do concurso de desenho.

Ela, como representante e parte de um grupo de alunos carentes destas experiências, onde arte e educação se fundem para educar o olhar e o pensamento, justifica todo o nosso trabalho neste segmento.

Caso o leitor queira mais detalhes e imagens, consulte nossas redes sociais.

Neste mês de agosto, abriremos duas exposições de **Rodrigo Andrade**, que, além de também contarem com ações educativas, já prometem ser um marco no percurso de nossa casa – **Pintura e Matéria e Assombrações: um diálogo pictórico com Iberê Camargo**. A primeira é uma retrospectiva e, a segunda, é uma releitura de obras de Iberê Camargo, selecionadas por este artista incomum, que nos surpreende com versões ou releituras, trazendo um novo olhar sobre o nosso acervo.

Agradecemos, mais uma vez, a confiança de nossos patrocinadores e apoiadores que, mesmo em momentos difíceis como estes que atravessamos, sempre estiveram junto, transformando a Fundação Iberê em uma referência sólida de qualidade e excelência.

Obrigado a todos! ■

Emilio Kalil
Diretor-superintendente



Fundação **Iberê**

CONSELHEIROS

Jorge Gerdau Johannpeter
Presidente
Arthur Bender Filho
Arthur Hertz
Beatriz Bier Johannpeter
Celso Kiperman
Dulce Goettens
Fernando Luís Schüller
Frances Reynolds
Glaucia Stifelman
Hermes Gazzola
Isaac Alster
Jayme Sirotsky
Joseph Thomas Elbling
Lia Dulce Lunardi Raffainer
Livia Bortoncello
Nelson Pacheco Sirotsky
Olga Velho
Renato Malcon
Rodrigo Vontobel
Sérgio D'Agostin
Wagner Luciano dos Santos Machado
William Ling

Conselho Fiscal

Carlos Cesar Pilla
Carlos Tadeu Agrifoglio Vianna
Gilberto Schwartzmann
Heron Charneski
Ricardo Russowsky
Volmir Luiz Gilioli

Diretores

Mathias Kisslinger Rodrigues
Diretor-Presidente
Daniel Skowronsky
Vice-Presidente
Anik Ferreira Suzuki
Ingrid de Króes
Jorge Juchem Zanette
Justo Werlang
Patrick Lucchese
Pedro Dominguez Chagas

CARRETEL
FUNDAÇÃO IBERÊ

Editores

Emilio Kalil
Roberta Amaral

Revisão

Midiarte Comunicação

EQUIPE

Diretor-Superintendente
Emilio Kalil

Superintendência-Executiva
Robson Bento Outeiro

Secretária Executiva
Martha Oberst

Comunicação e Imprensa
Roberta Amaral

Design e Plataformas Digitais
José Kalil
Rafaela Julianotte

Programa Educativo
Lêda Fonseca, consultoria pedagógica
Ilana Machado, coordenação
Raphael Costa, assistente de coordenação
Ana Elisa Dornelles, Beatriz Martini,
Caroline Nunes Fiabane, Marcelo Neves,
Rafaela Zwierzynski, Sofia Mazzini Rocha,
mediação

Acervo/Ateliê de Gravura
Eduardo Haesbaert
Gustavo Possamai

Administrativo/Financeiro
Luciane Zwetsch
Guilherme Collovini, assistente

Consultoria Jurídica
Silveiro Advogados

Gestão do Site e TI
Machado TI

Produção
Thiago Araújo
Fernanda Queiroz Alves

Conservação e Manutenção
Lucas Bernardes Volpatto, consultor
Arnaldo Henrique Michel, encarregado
Jonathas Rosa dos Anjos, assistente

Loja Iberê
Leonardo Martins Picoli

Receptivo
Jefferson Garcia
Laura Palma

Capa

Rodrigo Andrade. Sem título
(detalhe), 1994, Foto: Filipe Berndt

Projeto Gráfico e Diagramação
Pomo Estúdio

Iberê nas Escolas um projeto que transforma vidas

Na cidade de Eldorado do Sul, a Fundação Iberê desenvolve o projeto Iberê nas Escolas com 40 crianças e pré-adolescentes, com idades entre 8 e 15 anos, de três escolas municipais da região, no turno inverso das aulas.



Alunos do projeto em Eldorado do Sul visitam a Fundação Iberê pela primeira vez

Mariah Pinheiro
Supervisora Pedagógica

O projeto Iberê nas Escolas está ativo desde o início de maio de 2022, na antiga Associação Lar Luz da Criança, no bairro Parque Eldorado, na cidade de Eldorado do Sul, trazendo em seu perfil 40 crianças e pré-adolescentes com idades entre 8 e 15 anos, de três escolas municipais da região. O grupo convive diariamente, por meio do projeto, no turno inverso de suas aulas, com atividades de arte-educação promovidas pela Fundação Iberê.

O maior objetivo pedagógico que a arte-educadora Ana Paula Velho teve nesse primeiro trimestre foi voltado à integração e à participação ativa dos alunos, que se envolveram diretamente em todos os seus processos de construção e aprendizagem:

“Nesses primeiros três meses, além de trabalharmos com diversas referências artísticas, aprendemos a conhecer o outro, com o objetivo de entendê-lo e relacionar-se com

as diferenças e semelhanças. Um fator que apareceu expressamente nos encontros foi a diferença de tempo que cada um levava para concluir cada atividade. E essa foi uma boa oportunidade para trabalhar com a ideia de respeitar o tempo do outro, discutindo o motivo de cada um, que era por aprimoramento de detalhes, limitação motora, entre outros. Além disso, trabalhamos com exercícios de autoconhecimento, refletindo o lugar de cada um no mundo, e, com abordagens e práticas artísticas, foi possível compreender que cada um pode desempenhar um papel diferente e positivo para a sociedade. O resultado até o momento é descrito pelas famílias e agentes educacionais das três escolas, que relatam avanço no comportamento dos estudantes, alegando menos agressividade, mais autoconfiança, reabilitação social, melhoramento na relação entre os familiares, progresso na autonomia, entre outros. Desse modo, podemos entender a importância da

educação através da arte, que gera desenvolvimento a cada um de nós, na família, na comunidade e no mundo.”

O projeto também conta com oficinairos temporários, em encontros que ocorrem uma vez por semana. Nesta

primeira temporada, quem atuou foi a arquiteta e fotógrafa Letícia Durlo, que trabalhou com a ocupação, percepção e sensibilização do olhar das turmas com os espaços da casa e da região de Eldorado através da linguagem audiovisual.

“ Como forma de acolher uma demanda dos alunos, nas experiências de aprendizagem fez-se uso da linguagem audiovisual como dispositivo de criação e apreensão do lugar. Assim, um canal do Youtube passou de desejo coletivo manifestado pelos estudantes para o articulador entre as dimensões objetivas e subjetivas das oficinas propostas. Ao longo do período, foi possível aproximar-se de noções de fotografia, narrativa e espacialidade, criando desde roteiros e storyboards para elaboração de vídeos até cartografias coletivas sobre o Parque Eldorado. Ressalto a necessidade de olharmos para os espaços de educação e interação social, relacionando-os para além dos muros que os cercam, através da valorização das potencialidades, desejos e problemáticas trazidas pelos estudantes em sala de aula. O projeto proporcionou, justamente, esse espaço-tempo capaz de germinar sementes do esperar, do olhar para si e para o outro, à medida que também olha para o território e sua paisagem.



Para o próximo bimestre, o projeto contará com uma oficinaira da área do Teatro de Bonecos, que dará continuidade no desenvolvimento da expressão artística, criativa, corporal e verbal dos estudantes, bem como, ajudará em seus processos de concentração, integração, autoconfiança e motricidade.

Sinto que a primeira missão de reintegração e de ressocialização das crianças está sendo alcançada com

sucesso, visto que, não somente os responsáveis pelas crianças e coordenadores pedagógicos das escolas manifestam percepção de mudanças positivas, mas também os estudantes demonstram estarem muito interessados e estimulados com as atividades propostas. Assim, a marca do Iberê nas Escolas tem deixado um legado de criatividade na comunidade do Parque Eldorado, através da missão de transformação do Lar Luz da Criança em um centro de ações culturais. ■



Alunos do projeto são repórteres por um dia

Alunos do projeto Iberê nas Escolas, que funciona na antiga Associação Lar Luz da Criança, na zona rural de Eldorado do Sul, entrevistam Xadalu Tupã Jekupé sobre a exposição **Antes que se apague: territórios flutuantes**. As perguntas foram enviadas ao artista após a primeira visita à Fundação Iberê, em julho passado. Para ilustrar a matéria, as turmas também produziram os desenhos, inspirados nas obras do artista.

Pergunta coletiva (turma da tarde)
– Qual foi sua primeira obra?

Xadalu Tupã Jekupé – A minha primeira obra foi um indiozinho. Fiz a imagem e coleí por toda a Porto Alegre. O indiozinho simbolizava o repovoamento, mesmo que na forma de uma imagem, dos povos originários que não se encontravam mais na cidade. Então, a partir dessa obra, meu trabalho ganhou muita visibilidade. Porto Alegre inteira conheceu o artista Xadalu, que era o nome do indiozinho.

Pedro Santiago (turma da tarde)
– O que te incentivou a trabalhar com arte?

Xadalu – Eu fui fazendo arte sem nenhuma pretensão de ser artista. Aos poucos, as intervenções nas ruas foram ganhando espaço e dando mais visibilidade ao meu povo e aos meus ancestrais. Assim, entrei no circuito da arte, não porque eu quis, aconteceu naturalmente. E o que me faz continuar é porque acredito naquilo que faço e nas pessoas que fazem parte da história da nossa comunidade.

Juan (turma da tarde)
– Como você se inspira tanto?

Xadalu – A inspiração vem, primeiro, daquilo que a gente acredita. Saber que pode fazer e pode mudar, seguido de muito trabalho e estudo. O trabalho e o estudo, junto com a dedicação, formam o alicerce mais poderoso para uma boa criação.

Pergunta coletiva (turma da tarde)

– Qual o seu trabalho mais demorado e quanto tempo levou para fazer?

Xadalu – Meus trabalhos sempre são mais demorados, uma vez que busco uma fundamentação histórica, atual e contemporânea para a criação. Às vezes demora um, dois, três anos, porque o trabalho vai para o caderninho de pesquisa. Depois que eu tenho todo o embasamento de pesquisa é que começo a parte visual. O trabalho que demorou bastante tempo era uma obra chamada “Tesouro do Céu”, feita com costura, colagem e pintura. Outra obra que me recordo é a ‘Apyka’ (Banco do Pensamento), que expus na Fundação Iberê: um globo de luz, sustentado por um banco-onça, que traz uma narrativa sobre a criação do universo. Aqueles pedaços de terras flutuantes, imitando mapas, que são aldeias, foram bem demorados para fazer.

Pergunta coletiva (turma da tarde)

– Quantas cidades têm sua arte espalhada?

Xadalu – Até 2016, chegamos a contar 60 países. Tem um filme no YouTube chamado “Sticker Connection” (Zeppelin Filmes, 2015), mostrando as redes de colaboração formadas entre artistas de sticker no mundo todo. Das cenas dos protestos de 2013 em Porto Alegre que abrem o vídeo, o espectador é levado a uma viagem que passa por lugares como Rio de Janeiro, Buenos Aires (Argentina) e Assunção (Paraguai), além de países como Japão, França, Canadá, Itália e Holanda.

Maria (turma da manhã)

– O que está por trás das obras do Xadalu na exposição “Antes que se apague: territórios flutuantes”?

Xadalu – A exposição tem uma narrativa da oralidade em volta da fogueira, de escutar os nossos avós e de pesquisar as histórias dos nossos ancestrais na cultura indígena do Rio Grande do Sul. O meu foco foi a cidade onde nasci, Alegrete, na terra indígena chamada Aranranguá, onde morou toda a minha família, na beira de um rio chamado Ibirapuitã. Depois eu vim para Porto Alegre, acabei encontrando “parentes indígenas” e refazendo toda a história. Ou tentando contar uma outra história que não está nos livros. Então, dentro desta narrativa da mostra, tem contos da minha avó, dos sábios da aldeia, tem a mitologia e, também, um lado bem contemporâneo, que é muito do atrito do indígena na cidade.

Alice (turma da manhã)

– O que a sua avó lhe ensinou sobre a cultura indígena?

Xadalu – Minha avó tem uma oralidade fantástica, que traz com precisão, dentro de seus relatos, como era a vida na beira do rio, nos anos 1940. Ela era uma criança e vivia com meus bisavós e trisavós. Foi a partir disso que tive muita disposição para fazer a exposição na Fundação Iberê. ■

após um período
de transformação
uma nova proposta

Café Iberê

+

boom
sabor que faz bem

funcionamento
quarta-feira a domingo
10h às 19h

venha conhecer!

confira
o cardápio





15 anos do Festival Internacional de Fotografia de Porto Alegre

O confinamento disparou processos de
conexão e desconexão nunca vistos.

A experiência de viver em ambientes individualizados e a insegurança frente ao desconhecido reforçaram o desejo de controle – ainda que ilusório – sobre a manutenção da vida.

Ao mesmo tempo, o planeta nunca foi tão agredido por um comportamento humano de rara hostilidade. Nessa distopia, a imposição do isolamento forçou a invenção de novas formas de sentir e povoar as distâncias, criando um **Terrarium** de ligações possíveis, tema do Festival Internacional da Fotografia – FestFoto, que celebrou 15 anos com uma exposição em todos os andares da Fundação Iberê.



Foto: Mari Gemma De La Cruz

Foto: Mateus Morbeck



Foto: Patrícia Borges





Foto: Tiago Meireles

MOSTRA FOTOGRAMA LIVRE

Os artistas foram provocados a pensar sobre as estratégias contemporâneas capazes de viver e enfrentar os temas da atualidade. O que é possível cultivar nestes territórios e mundos individuais em que somos obrigados a permanecer durante confinamentos de distintas naturezas?

O público foi impactado pelo desconforto emocional, abuso e violência contra a natureza (destaque para o tema dos incêndios no Centro-Oeste e para os crimes ambientais em Minas Gerais), o mundo dos adolescentes suburbanos, engraxates colombianos, corpos dissidentes e híbridos de tecnologia, estratégias do racismo familiar, as várias camadas de uma história nacional inscrita em azulejos e a potência da imagem como disparador de memória através do olhar de Ana Sabiá, Bárbara Lissa, Bella Tozini, Christianne Bueno, Federico Stoll, Isabella Finholdt, José Roberto Bassul, Kitty Paranaguá, Luciana Petrelli, Luiza Kons, Marcio Vasconcelos, Mari Gemma De La Cruz, Maria Vaz, Marisi Bilini, Mateus Morbeck, Mateus Sá, Patrícia Borges, Ricardo Ravanello, Ulla von Czékus e Valdir Machado Neto.



Foto: Ana Sabiá

TERRARIUM BRASILIENSIS

A mostra levou reflexões coletivas e horizontais e trabalhou com as diversas relações que a fotografia estabelece na cena da arte contemporânea: a gênese da imagem, o fluxo criativo, os interesses de mercado e da museografia e o papel da arte na vida humana.

Artistas participantes: Allan Silva, André Bracher, Clayton Ferreira, Claudia Brandão, Fernando Maia, Flavia Sampaio, Juliana Sícoli, Madame Pagu, Renata Saad, Rose Aguiar, Sabrina Lisaukas, Sandra Gonçalves, Sonia Loren e Tiago Meireles.

BRUTALISMO

A mostra levou à Fundação Iberê obras que discutem o resultado da relação abusiva com o ambiente natural no Brasil. No momento do bicentenário da Independência, o FestFoto convidou a pensar sobre a lógica brutal de domesticação da paisagem e de extração dos recursos minerais e ambientais que caracterizam os 500 anos de inserção do país na economia mundial. ■

Uma cidade no escuro por causa de choques elétricos em corpos femininos

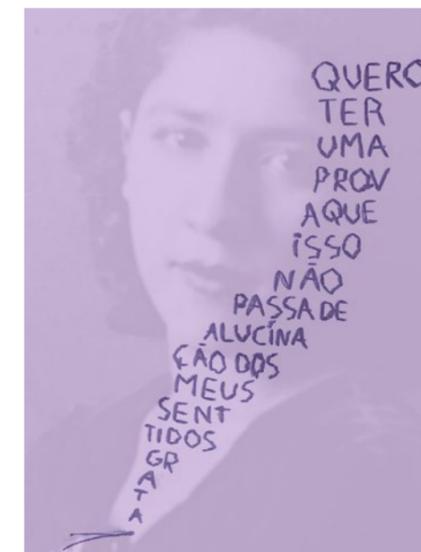


Foto: Juliana Sícoli

Filha de pais psicólogos e pesquisadora de psicanálise, a artista Juliana Sícoli se interessa por indagações existenciais e, principalmente, pelas diversas formas de controle contra as mulheres, através de parâmetros proferidos, frutos de uma construção sociocultural. Construção esta que, invariavelmente, surge a partir de deformações dos jogos hierárquicos da sociedade e de sua estrutura patriarcal e machista.

Em determinadas épocas da humanidade, uma das maneiras de cercear os direitos femininos foi o de classificar as mulheres como mentalmente perturbadas. Caso não se encaixassem no modelo de vida imposto, eram levadas para manicômios, como forma de serem punidas e silenciadas.

Em uma de suas investigações, em hospitais psiquiátricos de Barbacena (MG), São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador, a artista se deparou com cartas escritas entre os anos de 1940 e 1980, que nunca foram entregues. Cartas que revelam de forma tocante a aflição, o horror, os maus tratos e a falta de humanidade tanto de seus familiares quanto daqueles que seriam responsáveis pelo seu “tratamento”.

Essa face obscura do patriarcado, por tanto tempo escondida e, ainda hoje velada, é o mote do trabalho de Juliana no Festival Internacional de Fotografia de Porto Alegre – FestFoto. A artista justapõe a sua própria imagem a retratos apropriados de outras mulheres, como uma forma de se colocar no lugar destas e trazê-las para o tempo atual, uma vez que as tentativas de apagamento do passado ainda hoje reverberam, criando uma série de obras únicas, com várias tonalidades de vermelho sangue e roxo, cor dos hematomas, e, também, da luta feminista por direitos iguais, usada pelas sufragistas inglesas desde 1908. Em algumas destas obras, frases pinçadas das cartas foram trazidas como metáfora do grito que era comumente silenciado – gritos de socorro que não eram atendidos.

A instalação inclui uma fotografia formada por 900 agulhas, que faz menção a dados atuais de violência feminina e

aos tratamentos de choque que eram feitos à época. A descarga elétrica para os tratamentos era tão forte, que a cidade de Barbacena – que abrigava o Hospital Colônia – ficava sem luz por alguns minutos. “Além da referência aos tratamentos injustos e cruéis da época e do excesso de descarga elétrica, faço menção a um tipo de abuso ainda existente e que mata silenciosamente, chamado popularmente hoje por *GasLighting*, que consiste no abuso psicológico ao se manipular ou distorcer fatos para questionar a sanidade do outro”, ressalta.

O termo *GasLighting* é uma referência ao filme *Gas Light*, dirigido por George Cukor, e adaptado da peça homônima de Patrick Hamilton, que aqui no Brasil recebeu o título *À Meia-Luz*. Na trama, a personagem vivida pela atriz Ingrid Bergman é, a todo momento, enganada por seu marido, de modo a convencê-la que a sua percepção da realidade estava equivocada. Ele consegue convencer outras pessoas da insanidade de sua mulher para que esta fosse levada e ele conseguisse assim roubar-lhe uma fortuna escondida no sótão de casa.

“Na época das internações em manicômios no Brasil, entre 1900 e 1980, mais de 70% das pessoas internadas não tinham problemas mentais. Elas eram levadas simplesmente para serem invisibilizadas, por incomodarem ou não cumprirem os papéis esperados. Mulheres que não aceitavam as traições dos maridos, amantes que engravidaram e não podiam ser descobertas, homens gays ou pessoas que questionavam demais. Tudo que incomodava poderia ‘sumir’ ao ser escondido em hospitais psiquiátricos e, infelizmente, isso contava ainda com o endosso da sociedade. Ao chegarem lá, passavam fome, frio, abusos e verdadeiras torturas, como os choques que eram tão fortes a ponto de deixar uma cidade sem luz por alguns minutos. Estima-se que em Barbacena, no maior hospício do Brasil, mais de 60 mil pessoas tenham morrido de descaso e crueldade”, conta Juliana. ■



Rodrigo Andrade apresenta um recorte de obras de uma trajetória de quase 40 anos

A pintura e a matéria de Rodrigo Andrade

O artista paulista Rodrigo Andrade desembarca em Porto Alegre para mostrar, pela primeira vez, uma visão significativa de seus quase 40 anos de produção. Como orgulha-se a curadora Taisa Palhares, “não é exagero afirmar que entre todos os artistas de sua geração, marcados pelo movimento de retorno à pintura, ele é quem se manteve dedicado quase exclusivamente ao meio pictórico no decorrer dos anos”.

O percurso de **Pintura e Matéria** é organizado em três tempos: dos primórdios de seu trabalho, ainda no âmbito do ateliê Casa 7, às grandes telas realizadas a partir de

imagens fotográficas que Andrade começa a pintar em 2009, a partir da série “Matéria Noturna”, apresentada na 29ª Bienal Internacional de São Paulo (2010). Uma das salas é dedicada às telas “abstratas”, que são realizadas pela aplicação com máscara de volumes densos de tinta a óleo em formas geométricas simples sobre a superfície da tela, em geral branca e sempre em pares. O intuito é evidenciar o movimento espiral que baliza sua produção. Por isso, não se trata de dividir a sua trajetória em fases ou estilos fixos, mas compreendê-la como a retomada, sempre por novos ângulos, de problemas centrais para o fazer artístico em seu embate com o mundo contemporâneo.

Foto: Eduardo Rodriguez

Fotos: Rômulo Fialdini e Eduardo Ortega

“Rodrigo Andrade se interessa em explorar, mediante trabalhos de aparências díspares, as relações profícuas, e nem sempre apaziguadas, entre matéria e expressão, gestualidade e repetição, colocando em questão o caráter de ‘pureza’ da arte e a sua inevitável contaminação pelo entorno, seja por meio da cultura de massas, seja pela criação de uma linguagem que se apropria do cinema, da fotografia, do graffiti e da história em quadrinhos.



Ainda segundo Taisa, “Ele mantém, desde sempre, um diálogo profícuo com os gêneros da história da pintura, por meio da reflexão sobre a construção da paisagem, de cenas urbanas e de interiores que nos remetem a temas clássicos da arte. Por fim, o que se percebe em suas últimas pinturas, feitas a partir de fotografias (autorais ou não), é o questionamento da verossimilhança, restabelecendo-se, agora por outra via, o jogo entre a ilusão e a densa massa de tinta. Curiosamente é também por meio da apropriação de imagens que o artista reencontra a História da Arte. Oswaldo Goeldi, Pieter Bruegel, Gustave Courbet, Camille Corot, Claude Lorrain, Nicolas Poussin, John Constable, Johannes Vermeer, Caspar David Friedrich, Claude Monet: reminiscências que ressurgem numa fotografia do Tsunami, de uma estrada para o litoral, fotos de viagens ou registros pessoais de locais familiares.

De novo, aquilo que parece banal invade o espaço pictórico, num movimento tensionado com as convenções da pintura. Desta forma, tanto o ordinário quanto a convenção são deslocados. Afinal de contas, é essa região fronteira que o trabalho de Rodrigo Andrade quer habitar”.

TRAJETÓRIA

Nos anos 1990, Rodrigo Andrade passou a realizar pinturas com massas concentradas de cor em formas que sinalizam uma passagem da figuração para a abstração. Essas pinturas, subtituladas “Goeldianas”, remetem aos espaços densos do grande gravurista brasileiro e seus contrastes marcados de luz e opacidade. Também apontam a tendência do artista em trabalhar os limites entre figuração e abstração, o que marcaria sua trajetória até hoje.

Um núcleo importante da exposição reúne as telas “abstratas” dos anos 2000, em que Andrade busca a redução da pintura a um certo grau zero: formas geométricas feitas de massas de tinta que são diretamente aplicadas sobre a tela. Esses blocos de cor sobre fundo branco trazem à tona a ideia de composição como um jogo relacional entre as cores e o espaço (da tela e do espectador).

Por fim, numa terceira etapa, Andrade restitui a figuração por meio da utilização de imagens fotográficas a partir da série “Matéria Noturna”. Prevalece a materialidade assertiva das pinturas anteriores, mas com o intuito de friccionar a noção de representação. São paisagens que remetem também a locais vazios, mas ao mesmo tempo densos de sentido. Como se o artista desejasse transformar a aparência plana e descarnada do mundo das imagens em uma matéria latente de significados prontos a extravasar a tela, como na grande pintura “Chegada do Tsunami”.

A exposição termina com seus quadros mais recentes, nos quais Andrade intensifica as relações entre cor, matéria e imagem, movendo-se com certa fluidez pelos elementos de sua pintura, mas sem deixar de tensionar seus limites. ■

Artista produziu versões de obras de Iberê Camargo para **Assombrações: um diálogo pictórico com Iberê Camargo**

Os traços de Iberê pelas mãos de Rodrigo Andrade

Na Fundação Iberê, artistas em exposição selecionam obras do anfitrião da casa para criarem mostras inéditas.

Na Fundação Iberê, alguns artistas em exposição são convidados a selecionar obras de Iberê Camargo, criando mostras inéditas. Rodrigo Andrade, para surpresa do centro cultural, decidiu produzir versões em óleo sobre tela de doze pinturas de Iberê Camargo, que pertencem ao acervo, para colocá-las lado a lado em **Assombrações: um diálogo pictórico com Iberê Camargo**.

Segundo o artista, a mostra nasce do desejo de encontrar modos de pintar de Iberê, incorporando-os ao seu repertório pictórico, muito embora ele encontre mais de si do que do pintor gaúcho nesta experiência.

“Se aproximar de Iberê é como uma descida ao Maelström (conto de Edgar Allan Poe), um enorme redemoinho de lama violácea. Essa aproximação é perigosa, porque sua força gravitacional é enorme e pode te engolir. Já experimentei algo assim com Guston e Goeldi, mas deles não fiz versões. Uma coisa é sofrer influência, ter afinidades eletivas, outra é fazer uma versão de uma pintura de outro pintor, situação que estabelece um campo de jogo definido, no caso, um jogo de imitação. Jogo que, por natureza, contém um elemento agônico, um enfrentamento, e, para me defender, preciso me diferenciar de Iberê – é um jogo de imitação/diferenciação –, preciso me apegar aos meus próprios procedimentos, como o uso do estêncil, que cria linhas secas e contornos precisos – o contrário da pintura de Iberê, onde tudo se mistura – para conter a força de atração devoradora do modelo. E, também, exacerbar certos procedimentos de Iberê,

como o uso da espátula para espalhar a tinta em grandes quantidades, explicitando o ato de imitação, como que imitando o próprio imitar. É uma luta, mas também é uma dança.”

DA LAMA À LAMA

Para o catálogo da exposição, Rodrigo Andrade escreve sobre a admiração à obra de Iberê e a rebeldia do pintor aos dogmas modernistas:

“ Se Iberê, no fim da vida, já vislumbrava o além diante de si, suas memórias já o assombravam desde antes. (...) A lama do fundo dos riachos, os riachos da infância... Jaguari, lama verde disposta com espátula... A pintura de Iberê vem da lama e à lama torna. Da lama da memória à lama pictórica. Vultos que emergem da tinta revolvida... Quanta lembrança, quanta saudade, quanta tinta! Quanto a mim, não sinto saudade de nada. Não desejo desenterrar memória nenhuma. Pelo contrário, quero me ver livre delas. (...) Esta imersão na obra de Iberê Camargo só fez crescer minha admiração por ela, mas com todo o respeito, alguma subversão ao mestre precisa haver, até para honrar o seu legado subversivo! Iberê não fazia pinturas agradáveis para o paladar do cidadão civilizado. Iberê não fazia concessões ao bom gosto e à elegância e chafurdava na sua pintura como quem busca uma verdade! Apesar de sua adesão à tradição, não era submisso a seus mestres, e se rebelava contra muitos dos dogmas modernistas, como a redução ao plano e a proibição de modelar as formas. A ele invoco uma velha máxima anarquista que diz: “Quem respeita, decai!” ■



Foto: Rômulo Faldini



Foto: Eduardo Ortega



13ª Bienal do Mercosul Trauma, Sonho e Fuga

A **13ª Bienal do Mercosul** está marcada para o período de 15 de setembro a 20 de novembro, em Porto Alegre. Além das obras na Fundação Iberê, no MARGS, no Memorial do Rio Grande do Sul, no Farol Santander Porto Alegre, no Cais, na Casa de Cultura Mario Quintana, no Instituto Ling, no Fronteiras do Pensamento e no Instituto Caldeira, a edição conta com um percurso de arte urbana na região central da cidade. Com curadoria-geral de Marcello Dantas e de Tarsila Riso, Laura Cattani, Munir Klamt e Carollina Lauriano como curadores adjuntos, este ano, a Bienal convida para refletir sobre a condição humana, desde a vulnerabilidade até a superação, por meio da temática **Trauma, Sonho e Fuga**.

Sob o título-tema, a mostra reconhece nos traumas – individuais ou coletivos – o maior combustível da arte de todos os tempos e entende os sonhos como um estratagema para a fuga. Assim, a vivência de um trauma coletivo, como é o caso da pandemia de Covid-19, impulsiona a criação artística para um território novo. O impacto no imaginário comum, através da ativação do onírico, dos sonhos e dos delírios, abre portas para o escape de uma condição imposta a todos nós.

AS ESCULTURAS DE PLENSA NA FUNDAÇÃO IBERÊ

Vencedor do Prêmio Velázquez de Artes em 2013, o escultor Jaume Plensa chega à Fundação Iberê com mostra individual inédita, que reúne doze criações baseadas na dimensão do homem e em sua relação com o meio ambiente, compostas de diferentes materiais, como resina, aço, ferro, vidro e náilon.

Conhecido por suas esculturas de rostos e corpos gigantes instalados em espaços públicos, como a Awilda – obra temporária construída em mármore e resina na praia de Botafogo, no Rio de Janeiro, em 2012, Plensa teve trabalhos expostos na Espanha, França, Japão, Inglaterra, Coreia, Alemanha, Canadá, Estados Unidos, entre outros. Nos Estados Unidos, no Millennium Park de Chicago, está a obra interativa Crown Fountain. ■

O artista espanhol Jaume Plensa apresenta doze criações inéditas na Fundação Iberê



Foto: Inês Baurcells



Foto: Nilton Santolin

Iberê Erudito

Neste segundo semestre, a Fundação Iberê apresenta a primeira temporada do projeto Música no Iberê.

Com curadoria de Érico Marques (GO), Lucas Brayner (PE), Henrique Amado (SP) e Nayane Nogueira (MG), os concertos ocorrem no primeiro domingo de cada mês, sempre às 17h, no auditório do centro cultural. A entrada é gratuita, com retirada de senha uma hora antes de cada recital.

4 de setembro
domingo, 17h

Quinteto de Sopros | Música Brasileira
Músicos: Ange Bazzani (fagote), Ariane Rovesse (clarinete), Eric Silva (trompa), Érico Marques (oboé) e Henrique Amado (flauta)

2 de outubro
domingo, 17h

Um Duo de Três e convidado | Uma passagem pela história da música
Músicos: Lucas Brayner e Nayane Nogueira (pianos), Érico Marques (oboé) e Henrique Amado (flauta)

6 de novembro
domingo, 17h

Lieder e Canções | Lieder e Canções

4 de dezembro
domingo, 17h

Especial de Natal



As cartas de Magliani e Iberê

A Fundação localizou e preserva em seu acervo as cartas inéditas trocadas entre os artistas.

Caro Iberê,

Gratei de ler sua crítica na Folha de domingo passado e fiquei pensando o quanto seria salutar (não sei se é esta a palavra) que os colegas da minha geração e os mais jovens tivessem, mais uma prova da sua paixão e do seu amor pelos artistas no trato com a pintura. De minha parte, faço o possível aqui no meu canto deste momento para honrar esta densidade que herdamos do pombo, seus galhos secos, seus pinhos, seus) espinhos e flores, mas ainda me falta muita estrada para chegar perto do que me fez nascer: mostrar o descarnado para quem não quer ver. Por

quanto lhe agradeço por ter da do a crítica (é sempre tão drato, eles querem saber, perguntam, eternamente as mesmas coisas), por ter sido um feito de ter noticiado suas e uma grande lição que, espero, seja aproveitada por todos (inclusive Elle) neste tempo tão superficial. Um grande abraço e meus respeitos a sempre encantadora Maria.

Magliani.

P.S. Escolhi este guache guache por que acho que para um primo parecido consigo.

Cópia Porto Alegre, 30-10-92.
Caríssima Magliani,
Agradeço-te o belo presente que me enviaste. Agradeço-te também o carinho de tua palavra.
Alegro-me em saber que toques teu coração.
Nós dois temos a mesma meta, o mesmo ideal, a mesma devoção.
Haveremos de deixar nossas rastros neste campo em que nascemos.
Com carinho,
Iberê

Em outubro de 1982, Iberê Camargo concedeu uma longa entrevista ao jornal Folha de São Paulo, na qual, em seu peculiar modo de expressão, diz que prefere os galhos secos e os espinhos às flores, atribuindo essa preferência à sua origem gaúcha, à paisagem dos pampas e a vivência de sua solidão.

Magliani leu, se sentiu tocada, e enviou uma carta ao pintor, dizendo a ele que, no seu canto, fazia o possível para honrar esta densidade herdada dos pampas, mas que ainda lhe faltava estrada “para mostrar o descarnado para quem não quer ver.” Junto com a carta, a pintora enviou um pequeno guache (imagem na página ao lado). Era uma figura que, para ela, lembrava a imagem de Iberê. A Fundação localizou e preserva em seu acervo as cartas trocadas entre os artistas, publicadas pela primeira vez no contexto da exposição MAGLIANI.

“A descoberta reveste-se de especial importância para mim e para Gustavo Possamai, pois vem reiterar o acerto do partido curatorial que adotamos para a realização da exposição MAGLIANI, que se pautou na certeza de que os dois artistas sempre se propuseram a realizar uma arte áspera - como os ventos do Sul”, diz a curadora Denise Mattar. ■



Fotos: Acervo Documental Fundação Iberê

Nomes importantes do design gráfico japonês ganham exposição em dezembro

A Fundação Iberê inaugura, no dia 3 de dezembro, a exposição **7 Mestres do Cartaz Japonês**. Realizada pela Fundação Japão em São Paulo, a mostra apresenta 40 cartazes do acervo da Bienal Internacional do Cartaz do México, incluindo exemplares com forte relação com o ukiyo-e, um gênero de estampa japonesa semelhante à xilogravura.

A Bienal compilou o trabalho de grandes designers japoneses, que testemunham estilos e períodos do país do sol nascente. “Estamos, sem dúvida, diante da obra, que não é o objetivo, mas o caminho de sete criadores que proporcionam um meio, uma direção e um significado à arte e ao design gráfico, mostrando-nos diferentes formas de manuseio e uma marca característica que os une: a excelência imaginativa, a qualidade de produção e a difícil simplicidade na qual se resolve o desafio de criar um cartaz para comunicar mensagens artísticas, culturais, sociais e comerciais”, escrevem os organizadores da Bienal Internacional do Cartaz do México.

OS DESIGNERS

IKKO TANAKA

Nascido em Nara, em 1930, se formou na Escola de Belas Artes de Kyoto, no Japão. Depois de trabalhar para a Kanebo Co. Ltda, participou da organização do Nippon Design Center, em 1960. Em 1963, fundou o estúdio de design Ikko Tanaka. Reconhecido internacionalmente, recebeu prêmios da Bienal Internacional de Cartazes de Varsóvia e do Ministério da Educação do Japão, assim como medalha de ouro do New York Art Directors Club, Prêmio de Excelência do Clube de Diretores de Arte, de Tóquio, e o Grande Prêmio do Japão Cultural Design Award. Foi reconhecido no Hall da Fama do Art Directors Club, de Nova York, em 1994, e condecorado com a Medalha Púrpura, em 1995. Já teve seus trabalhos expostos em importantes museus mundiais, como o Museu de Arte Seibu, Museu da Publicidade, em Paris, e Centro Cultural de Arte Contemporânea, na Cidade do México. Foi curador de exposições para o Museu Victoria e Albert, em Londres. O artista faleceu em 2002.

KASUMASA NAGAI

Nasceu em Osaka, em 1929, graduado pelo Departamento de Escultura da Universidade Nacional de Belas Artes e Música de Tóquio, em 1951. Em 1960, se associou à Nippon Design Center, Inc. (NDC), por ocasião de sua fundação, e atuou como diretor executivo até 2001. Foi presidente do júri internacional da XIV Bienal de Design Gráfico de Bruno, República Tcheca. Recebeu vários prêmios nacionais e internacionais em países como Japão, Polônia, Estados Unidos, Rússia e México. Realizou exposições individuais e coletivas, e tem trabalhos em coleções dos museus mais importantes do Japão, de Nova York, da Suíça, da Polônia e de Israel. É membro da Japan Graphic Designers Association (JAGDA), Alliance Graphique Internationale, Tokyo Design Center e Japan Design Committee.

MITSUO KATSUI

Nasceu em Tóquio, em 1931, e formou-se na Universidade de Tóquio em Artes e Educação. Premiado por excelência em bienais do México, Bruno, Lahti e Varsóvia, bem como pelo Art Director Club, de Nova York. É membro da Japan Graphic Designers Association (JAGDA), e seus cartazes fazem parte das coleções permanentes do Museu de Arte Moderna, em Nova York, e do Museu de Arte Moderna de Toyama, entre outros.

SHIGEO FUKUDA

Nasceu em Tóquio, em 1932, formou-se na Universidade Nacional de Belas Artes e Música de Tóquio, em 1956. Apresentou exposição individual em 1967, na IBM Gallery, em Nova York, e criou o pôster oficial da Expo Japão. Recebeu medalha de ouro na Bienal Internacional de Cartazes em Varsóvia, na Polônia, em 1972; e foi premiado na Exposição Internacional do Cartaz, em Fort Collins, Colorado, na Bienal Internacional do Cartaz, em Moscou, em 1985, entre outros. Também criou o logotipo para o Festival Nacional de Cultura, em 1986. Em 1989, foi convidado a fazer o pôster comemorativo do bicentenário da Revolução Francesa. Em 1993, fez o cartaz para a Expo Japan, em Paris. Publicou livros sobre o tema, foi presidente da Japan Graphic Designers Association (JAGDA), membro do Comitê ADC de Tóquio, membro da International Graphic Alliance e da Royal Designer for Industry (RDI). O artista faleceu em 2009.

TADANORI YOKOO

Nascido na província de Hyogo, Japão, em 1936. Sua primeira exposição individual aconteceu em 1967, na cidade de Frankfurt. No mesmo ano, participou do coletivo Today's Creators 67, da Yokohama Citizen's Gallery. Até 1999, apresentou quase todos os anos exposições individuais e coletivas nos principais museus do Japão, como o Tokyo Metropolitan Art e o Museu de Arte Moderna de Quioto. Também expôs, coletivamente e individualmente, no Museu de Arte Moderna de Nova York, nas galerias de arte de Whitechapel e Barbican, bem como no Museu Victoria & Albert, em Londres, no Museu de Arte da Filadélfia, no Museu de Arte Moderna do México e no Museu de Arte Moderna de Los Angeles, entre outras instituições. Também apresentou seu trabalho em bienais de artes gráficas em Paris, Tóquio, Bruno, São Paulo, Bangladesh e Veneza.

TAKASHI AKIYAMA

Nasceu na província de Niigata, Japão, em 1952. Formou-se na Universidade Tama de Artes e concluiu mestrado na Universidade de Artes de Tóquio. A maioria de suas obras contém motivos de pássaros e trata de temas ecológicos. Suas atividades estão voltadas para a proteção de aves e da natureza. Em 1992, inclui a aids como um de seus temas principais. Recebeu prêmios da Embaixada da Tunísia, da I Bienal de Cartazes, na Polônia, e foi premiado na 12ª Bienal Internacional de Desenho Gráfico, na República Tcheca. Também recebeu um prêmio em um concurso de pôster para proteção ambiental na África. Entre suas publicações estão “Takashi Akiyama e as palavras da mão esquerda” e o livro “Amor e Aids”. Atualmente, é professor na Universidade Tama de Artes.

U.G. SATO

Nasceu em Tóquio, em 1935. Estudou na Kuwasawa School of Design. Em 1975, fundou a Design Farm. Participou de exposições individuais e coletivas, foi premiado em eventos de design gráfico, cartaz e esculturas, e organizou uma campanha gráfica antinuclear, via fax, em Paris e Tóquio, em protesto contra os testes atômicos realizados pela França. É membro da Alliance Graphique Internationale, Japan Graphic Designers Association e Tokyo Illustrators Society. ■



Maria Coussirat Camargo

Sombra e luz de Iberê

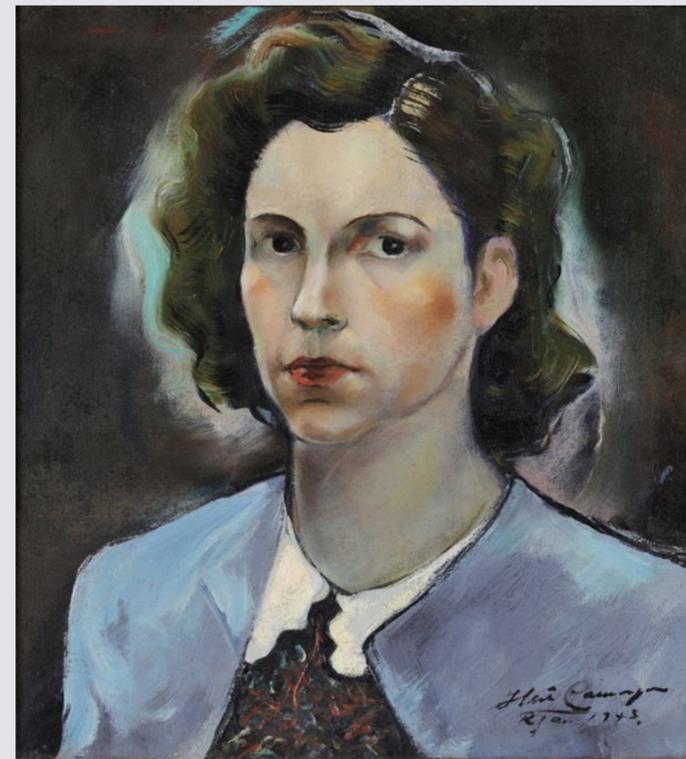
Como definiu o crítico de arte Paulo Herkenhoff, “sobre tudo e todos paira a presença firme e suave de Maria Camargo, sombra e luz de Iberê”.

Eduardo Haesbaert, mais do que impressor de Iberê (1914-1994), era tratado como filho pelo casal, e descreve o que viveu da relação de Maria e Iberê:



Fotos: Acervo Documental Fundação Iberê

“ Dona Maria e Iberê se conheceram na Praça da Matriz, em 1939. Numa tarde da semana, ela estava ali com as amigas e ele olhava na direção delas. Ela nos contou que achava que a paquera era para uma de suas amigas, mas não, era para ela mesma. Foi o começo do romance, que logo se tornou um grande amor, com companheirismo e apoio profissional.



Retrato de Maria por Iberê, 1943

Haesbaert e a cineasta Marta Biavaschi recordam: “A arte sempre esteve presente na vida do casal, desde essa época em que se conheceram na praça quando eram estudantes. Ela de artes plásticas e ele de desenho técnico arquitetônico, ambos na Escola de Belas Artes da UFRGS. O equilíbrio entre a pintura e o desenho técnico pautou grande parte da vida deles para suas subsistências. Depois de 1942, já casados e morando no Rio de Janeiro, Dona Maria também começou a trabalhar como desenhista em escritório de arquitetura. Foi quando Iberê pôde se dedicar exclusivamente ao aprendizado e ao ofício de pintor e, conseqüentemente, sua trajetória de artista pôde ser reconhecida. A estadia do casal na Europa, no final dos anos 1940, quando Iberê ganhou uma bolsa de estudos, também foi muito importante para esse aprendizado. O exercício do olhar ao observar obras de grandes mestres da pintura em museus na França e na Itália, acrescido de trocas que estabeleceram com professores e artistas com os quais conviveram nesse período por lá, marcaram a educação artística dos dois.

Quando indagada por quê ter parado de lecionar Arte, Dona Maria gostava de citar o verso de *Lusíadas* de Camões: ‘Cesse tudo o que a musa antiga canta, que outro valor mais alto se alevanta’, para, poeticamente, traduzir a abdicação de sua própria trajetória como professora para cuidar da carreira de Iberê. Sabia do tamanho e da pulsão da obra. Seu amor era também à obra, não só ao Iberê.”

UMA EXPOSIÇÃO DE MARIA

Mais do que companheira, Maria Coussirat Camargo era a verdadeira guardiã da obra do pintor. Foi dela a ousadia de erguer a Fundação que mantém o legado do artista. No acervo que resguarda mais de cinco mil trabalhos, tem lugar suas pinturas, feitas na época em que frequentou o Instituto de Belas Artes, entre 1937 e 1940, e que, em 2024, serão expostas pela primeira vez no centro cultural.

Gustavo Possamai, responsável pelo acervo da Fundação Iberê, lembra que “as pinturas estavam sob a guarda de Dona Maria até o seu falecimento, em 2014. No ano seguinte, foram incorporadas ao acervo da Fundação, passando a ser preservadas junto às obras de Iberê. Em maio de 2020, foram finalmente disponibilizadas no website da instituição, na mesma ocasião em que publicamos sua primeira cronologia, no contexto da exposição Iberê Camargo – O Fio de Ariadne. A exposição lançava luz sobre diversas mulheres que tiveram destaque na trajetória do artista, especialmente Maria, sua companheira de toda a vida. Estávamos pensando, desde lá, em uma mostra em homenagem a ela.”

Vanda Klabin, curadora atuante no Rio de Janeiro, onde o casal viveu por 40 anos, lembra que “a arte de Iberê Camargo se nutria de intensidades, e Maria teve uma influência pontual e cristalina na vida pessoal/ profissional do marido, através de sua constante dedicação. Maria foi uma presença estruturante, que complementou a geografia de vida dos diferenciados itinerários históricos de Iberê.”

Vanda e Gustavo irão trabalhar juntos para apresentar obras, documentos, correspondências e fotografias em uma exposição em homenagem a Dona Maria, prevista para 2024.

Dona Maria, como era conhecida no meio das artes, morreu no dia 25 de fevereiro de 2014, aos 98 anos. Ocupava a cadeira de Presidente do Conselho Superior da Fundação Iberê, instituição que ela criou em 1995, um ano após a morte do marido.

Segundo Paula Ramos, historiadora, crítica de arte e professora do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da UFRGS, onde implantou o bacharelado em História da Arte, “Maria foi vigorosa na guarda das milhares de pinturas, gravuras, desenhos e projetos, bem como na coleta e sistematização de esboços, anotações, cartas e documentos de trabalho; ao mesmo tempo, gerenciou o ateliê e toda vida prática do casal. Em grande medida, portanto, Iberê Camargo e a Fundação existem do modo como os conhecemos porque Maria trabalhou para isso.”

Nascida a 28 de novembro de 1915, em Porto Alegre, Maria Cruz Coussirat frequentou o tradicional Colégio Sévigné e, em março de 1937, ingressou no Instituto de Belas Artes do Rio Grande do Sul (atual Instituto de Artes da UFRGS), onde estreitou convivência com Iberê, então estudante do Curso Técnico de Arquitetura. Ele não concluiu o curso, mas ela se formou em dezembro de 1940, junto com outras cinco mulheres, já como “Maria Coussirat Camargo”.

De seu período formativo, restaram pouco mais de dez pequenas pinturas: paisagens e retratos marcados pela pincelada solta, em busca de paulatina modernidade. Algumas dessas paisagens representam a região do antigo

“riacho” que cortava o centro da cidade, tema também da primeira pintura de Iberê, produzida com materiais da namorada. Maria chegou a expor essas obras em contexto acadêmico, mas depois recuou, tanto em termos de visibilidade, como de produção, dando lugar ao marido e jovem artista.

Em novembro de 1939, Iberê e Maria se casaram. Reconhecendo o talento do marido, ela guardou seus desenhos e o acompanhou nas mudanças e viagens que a carreira de pintor exigiria. Em 1942, quando Iberê recebeu uma bolsa para estudar no Rio de Janeiro e, em 1949, quando partiram para uma temporada na Europa.

No Rio, enquanto Iberê Camargo estudava, Maria atuava como desenhista de arquitetura na Companhia Pederneiras e organizava os materiais de pintura do marido. Às vezes, atuava como agente, cobrando pagamentos dos colecionadores inadimplentes. Também foi conselheira de Iberê, opinando sobre suas pinturas e sendo retratada em várias delas.

Durante os 54 anos em que esteve ao lado do pintor, Maria manteve uma série de cadernos nos quais anotou títulos, dimensões, datas, preços e nomes de compradores de pinturas e gravuras - documentos que hoje fazem parte do espólio artístico abrigado na Fundação Iberê.

“A gaveta dos guardados da Dona Maria foi a pedra fundamental da Fundação Iberê. Ela guardava tudo que ele produzia. Em vida, o casal criou a Coleção Maria Coussirat Camargo que hoje pertence ao acervo da Fundação Iberê. Mais um gesto de sua generosidade, agora para com a cidade e com o público, onde pode-se conhecer a obra do pintor através de renovadas exposições a partir do acervo da instituição”, dizem Haesbaert e Marta. ■



Maria: a régua e o compasso de Iberê

Em 2024, Maria será homenageada em exposição, com curadoria de Vanda Klabin e Gustavo Possamai

Jorge Gerdau Johannpeter, Iberê, Maria e Maria Helena Johannpeter



A galerista Tina Zappoli foi marchande de Iberê Camargo por 15 anos, e segue divulgando a sua obra. “Estive com ele até o fim. Mesmo internado no Pavilhão Pereira Filho, Iberê pediu para que eu e meu sócio Marinho Neto comprássemos papel e caneta para trabalhar. Ele estava morrendo, mas agoniado para produzir”, recorda.

Ela lembra, ainda, que, um ano antes, já muito doente, o pintor lhe pediu que “bancasse” um livro para celebrar seus 80 anos. Ele mesmo levava seus desenhos antigos para digitalização. Conversações com Iberê Camargo, de Lisette Lagnado, foi lançado em outubro de 1994, dois meses após a morte do artista, com uma exposição na galeria. Assim, se despediu de Iberê.

Tina, porém, seguiu ao lado de Maria Coussirat Camargo, de quem era “fã incondicional”. Neste depoimento, ela fala do “punho forte” de Maria para transformar Iberê em um dos artistas mais importantes do Brasil.

DESDE 1979

Conheci Maria Coussirat Camargo e Iberê em setembro de 1979. Trabalhava com Tatata Pimentel, na Galeria do Centro Comercial, e recebemos a visita do casal, que recém havia pousado em Porto Alegre para acompanhar uma pequena retrospectiva de desenhos antigos do pintor, no Museu de Arte do Rio Grande do Sul – MARGS. Neste encontro, eles nos convidaram para visitar o ateliê que mantinham junto à casa de Dona Nena, mãe de Maria, no bairro Cidade Baixa. Aceitamos o convite e, dois dias depois, estávamos lá, acompanhados pelo nosso amigo Zé Mário (José Mário Ferreira Filho). Ali nasceu meu vínculo pessoal e comercial com Maria e Iberê.

Lembro dela sempre muito atenta aos movimentos profissionais entre Iberê e eu. Afinal, era com a esposa que eu prestava contas de absolutamente tudo.



Maria era extremamente cuidadosa com a obra de Iberê e com os negócios: rascunhos, cartas, fotos e demais documentos, o que facilitou, e muito, o trabalho de catalogação da Fundação que leva o nome do pintor. Os papéis eram guardados em mapotecas. As pinturas preenchiam todas as paredes da casa, além da reserva técnica do ateliê. Com as vendas era a mesma coisa, tinha que ser tudo tim-tim por tim-tim, até nos centavos.

Certa vez, Iberê ficou chateado com Maria por ela não ter aceitado uma proposta com desconto da parte de Roberto Marinho, porque precisavam muito de dinheiro naquele momento. Ela se manteve firme, sabia da qualidade do que estava oferecendo e não deu outra: dias depois, Marinho pagou o valor pedido sem desconto. Como aprendi com esta firmeza de caráter.

MARIA DO IBERÊ

Soube pela própria Maria que ela havia cursado Pintura no Instituto de Belas Artes (IBA) da Universidade de Porto Alegre – atual Instituto de Artes da UFRGS. Pintava paisagens urbanas, mas não tenho como defini-la como artista, porque esta produção nunca esteve à vista, já que ela guardava a sete chaves. Também nunca a vi frustrada, amargurada, por ser a sombra de Iberê. Pelo contrário, sabia o quanto era fundamental na vida dele e orgulhava-se disso. Tinha a dimensão exata de seu papel; abdicou de uma carreira solo como pintora para poder dar asas ao marido.

Maria era uma mulher muito inteligente, e deve ter percebido, desde cedo, que Iberê era mais forte do que ela como artista. Então, ao invés de disputar por reconhecimento, optou por dar a ele um lastro como nunca vi igual.

A IDEALIZADORA DA FUNDAÇÃO IBERÊ

Maria era a régua e o compasso de Iberê. O deixava livre para criar sem as chatices do dia a dia: a casa, o ateliê, os negócios e a relação com o mercado de arte. Era extremamente organizada, com tudo sob controle. Mantinha um caderno com todas as obras, com o valor de cada uma, com o pagamento e para quem tinha sido vendido. Até os anos 1980, quando voltaram a viver em Porto Alegre, ela também atuava como fotógrafa, registrando toda a produção em slides.

Aliás, Iberê não terminava um quadro sem chamar Maria para pedir a sua opinião. Ela foi a principal curadora do artista. Como conhecia arte a fundo, principalmente o processo artístico de seu marido, não existia opinião mais segura do que a dela. Era culta, respeitosa, sensível e conhecia o 'métier'. A parceira ideal para um grande artista.

Sem Maria, tudo seria mais difícil para Iberê. A gente não pode dimensionar como seria a produção do pintor, e, como colocou muito bem a curadora Denise Mattar na exposição Iberê Camargo – O Fio de Ariadne, 'Maria foi a grande Ariadne de Iberê'. Dedicou-se ao reconhecimento do artista, primeiro para com sua obra e, anos mais tarde, para com a Fundação, da qual foi mentora e estrategista definitiva.

Primeiro, não teríamos a Fundação Iberê sem a doação integral do seu acervo. Depois, esteve à frente de tudo em relação ao novo prédio, desde a escolha do terreno e do arquiteto Álvaro Siza.

Chegaram a oferecer um prédio antigo da Praça da Matriz, mas ela, no auge dos seus quase 80 anos, queria uma arquitetura contemporânea e de excelência para abrigar a obra de Iberê. Lutou exaustivamente até conseguir.

Sem Maria, não existiria a Fundação Iberê. A história da arte deve muito a ela. ■

Dona Maria e o arquiteto Álvaro Siza



Audioguia arquitetônico na Fundação Iberê

Na linha dos projetos de inovação, que seguem pautando suas políticas de responsabilidade social em conformidade às medidas de acessibilidade, a Fundação Iberê oferece mais uma ferramenta facilitadora de locomoção para o público não-vidente nos espaços expositivos. O audioguia, produzido pela OVNI Acessibilidade Universal, faz um apanhado histórico sobre o prédio, assinado pelo arquiteto português Álvaro Siza.

O áudio inicia com uma fala de Iberê Camargo, seguido de um texto que acompanha a poesia das retas e curvas da construção, e pincela sobre o trabalho de catalogação iniciado pela esposa do artista, Maria Coussirat Camargo. A visita é costurada por trechos da entrevista com Siza para o documentário *Mestres em Obra*, de Marta Biavaschi. ■

Encontro da arte com o público

Uma marca da nossa parceria com o Instituto Ling em 2022 tem sido os encontros entre artistas, curadores e pesquisadores para falar das exposições em cartaz na Fundação Iberê. Nomes reconhecidos que se aproximam do público, permitindo a troca de experiência, o interesse e o conhecimento sobre a arte contemporânea brasileira. Recentemente, o Ling recebeu Cauê Alves, curador da exposição **Antes que se pague: territórios flutuantes**.

Cauê é doutor em Estética e Filosofia da Arte e, desde 2020, curador-chefe do MAM São Paulo. Professor do Departamento de Artes da Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes da PUC-SP, onde também coordenou o curso de Arte: História, Crítica e Curadoria. Durante onze anos, foi professor do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo. ■

Foto: Nilton Santolin

Justo Welang, Emilio Kalil, Laura Cogo, Cauê Alves e Xadalu Tupã Jekupê



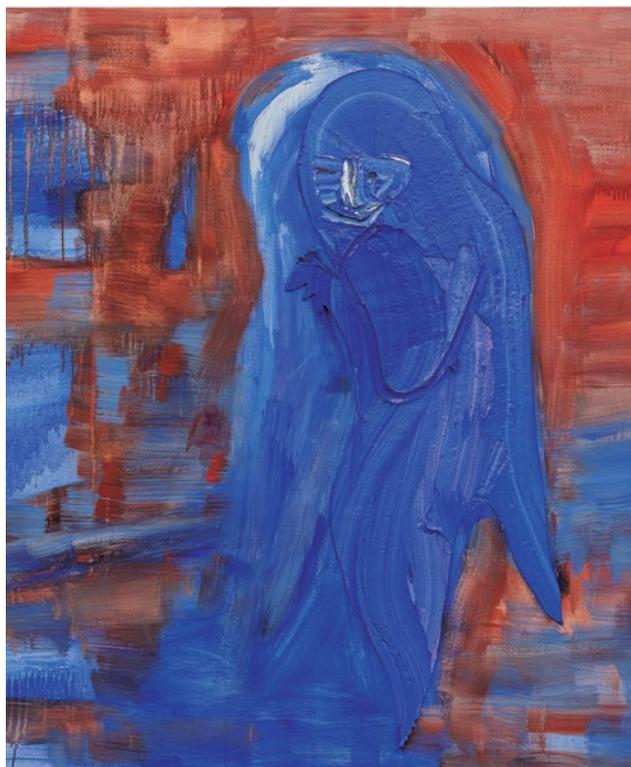
Foto: Acervo Documental Fundação Iberê



Confira abaixo nossa programação de exposições

As visitas podem ser agendadas pelo Sympla, aponte a câmera de seu celular no QR code ao lado para mais informações.

Visite nosso site: www.iberecamargo.org.br



ASSOMBRAÇÕES
UM DIÁLOGO PICTÓRICO
COM IBERÊ CAMARGO

27 AGO > 09 ABR



RODRIGO ANDRADE
PINTURA E MATÉRIA

27 AGO > 04 DEZ



A FUNDAÇÃO IBERÊ REALIZA SEUS PROJETOS ATRAVÉS DE LEIS DE INCENTIVO À CULTURA. AGRADECEMOS O IMPORTANTE PATROCÍNIO E APOIO DAS EMPRESAS PARCEIRAS E MANTENEDORES.



IBERÊ NAS ESCOLAS

APOIO



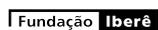
REALIZAÇÃO

IBERÊ RENOVA

PROGRAMA EDUCATIVO

FESTFOTO - EDIÇÃO 2022

PETROBRAS CULTURAL MÚLTIPLAS EXPRESSÕES



MANTENEDORES DA FUNDAÇÃO IBERÊ | 2022

BENEMÉRITO: JORGE GERDAU JOHANNPETER PLATINUM: EDUARDO BRAULE-WANDERLEY

CONSELHEIROS MANTENEDORES: ARTHUR HERTZ | BEATRIZ BIER JOHANNPETER | CELSO KIPERMAN | DULCE GOETTEMES

FRANCES REYNOLDS | GLAUCIA STIFELMAN | HERMES GAZZOLA | ISAAC ALSTER | JAYME SIROTSKY | JOSEPH THOMAS ELBLING

LIVIA BORTONCELLO | NELSON SIROTSKY | OLGA VELHO | RENATO MALCON | RODRIGO VONTOBEL | SERGIO D'AGOSTIN

WAGNER LUCIANO DOS SANTOS MACHADO | WILLIAM LING **MANTENEDORES OURO:** ANA LOGEMANN | ANNA PAULA VASCONCELLOS RIBEIRO

IRINEU BOFF | JÚLIO LANES | JUSTO WERLANG | PATRICK LUCCHESI | SILVANA ZANON